

Poesia

A poesia não deve preocupar-se muito, a ponto de criar seus "grilos", com esta onda de tecnocracia (reacionária) e esta euforia dos audiovisuais, ou a proliferação das técnicas do não-pensar que tentam esvaziar e "adestrar" o pensamento de nossa juventude, preparando hoje o não-leitor de amanhã.

Curiosamente, por componentes artesanais, e força e modo intrínsecos de ser, a *poesia*, uma forma, um gênero especialíssimo de produção literária, estará mesmo "acima do bem e do mal". O que, porém, não lhe confere o direito de alienar-se ou enfatizar o campo, digamos, "puramente artístico" da obra de arte em sua (maldita) "aura".

Poesia é sugestão, é imagística, é dissimulação (às vezes), conota e intuí, mas, de um jeito ou de outro, o verdadeiro poema favorecerá, intensa e engajadamente, o resgate do real, do dia a dia, dos cotidianos a serem constatados e, mais, criticados.

Invenções do Silêncio, de Lucia G. Fonseca, através das próprias etapas em que se divide, inversões cronológicas até possíveis, em benefício de "coerência" psicológica, esta poesia de autora estreante em livro, já ilustra o nosso pequeno comentário neste canto de livro. E os *poemas quase infantis* são os mais adultos.

A crença pragmática na (da) poesia, enquanto gênero literário, se ilustra mesmo a partir da menina (moça, mulher) que jogou fora as vírgulas, isolou a ânsia de estar entre parênteses, e: cama (v. textos).

Não há a menor incompatibilidade entre poesia (artística!!) "limpa" e poesia "suja". Importante é proporcionar, e acionar, reflexões não pairantes.

Ivan Cavalcante Proença

**INVENÇÕES
DO SILÊNCIO**

LUCIA GARCIA DA FONSECA

INVENÇÕES
DO
SILÊNCIO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
RIO DE JANEIRO/1980

Copyright © 1980 by Lucia Garcia da Fonseca

*Direitos desta edição reservado à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA*

Rua Marquês de Olinda, 12 – Rio de Janeiro, RJ
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Capa
Eugenio Hirsch

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F744i Fonseca, Lucia Garcia da.
Invenções do silêncio / Lucia Garcia da Fonseca. - Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

1. Poesia brasileira I. Título

80-0050

CDD – 869.91
CDU – 869.0(81) – 1

*À memória de meu pai,
João Lyra Madeira,
que sabia os nomes dos bichos
e das estrelas.*

A
Helena Jobim,
Carlos Drummond de Andrade,
Stella Leonardos,
Ivan Cavalcante Proença e
Newton Freire-Maia,
os meus agradecimentos.

SUMÁRIO

Nota da Editora (Dados biobibliográficos da Autora)	8
---	---

INVENÇÕES DO SILÊNCIO

Primeira parte INVENÇÕES DO SILÊNCIO

DIORAMA	19
[Por entre os olhos e os óculos], 17; [A palavra pronunciada], 18; Natureza viva, 22; Natureza Morta, 24; <i>Nautilus pompilius</i> , 26; <i>Natica fluctuata</i> , 27; A tartaruga, 28; Os cavalos, 29; Crepúsculo – a uma borboleta, 30; No jardim, 31; Mel, 33; Canção para a samambaia, 35; Tangerina, 37; Casuarina, 39; Couve-flor, 41; Quadrante, 42.	
MÚSICA DAS COISAS	45
A penumbra e a poeira..... 48 [E todos levamos o som], 46; Máquina de escrever, 48; Gravura, 50; Baralho, 51; Lentes, 52; Presente, 53; Peso de papéis, 54; Álbum de retratos, 55; Objeto antigo, 56; Prateleira de antiquário, 57; Camafeu, 59; Medalhão, 61; Tabaqueira de prata, 62.	
RESSONÂNCIA.....	63
“Vaga música”, 63; De uma gravura de Anna Letycia I, 64; De uma gravura de Anna Letycia II, 65; De uma gravura de José Lima, 66; Esboço, 67; Tela, 68.	
INSTANTÂNEOS.....	71
[O mar se fez infinito], 72; Desastre no canal, 75; Caminhada na praia, 76; Paisagem, 77; Perto das salinas, 78; Aterro do Flamengo (à noite), 79; Avenida Brasil (ao anoitecer), 80; Dia qualquer, 81.	

Segunda Parte POEMAS QUASE INFANTIS

Da técnica, 85; Os sinais, 87; No túnel do amor, 88; Aparição, 89; Poeminha, 90; A casa número um, 92; Pedido, 93; Primeira namorada, 94; Causa primeira, 95; Cotidiano, 96; Noturno, 97; Invasão, 99; Reconstrução, 101.

NOTA DA EDITORA
Dados Biobibliográficos
da Autora

Pedimos à autora, Lucia Garcia da Fonseca, que nos fornecesse dados para que pudéssemos redigir a rotineira nota da Casa.

Eis o que ela, Lucia, nos enviou.

Transcrevemos as “informações” na íntegra porque, achamos, se trata de um depoimento de vida, de profissão-de-fé da autora, um exercício de metalinguagem e, enfim, o melhor material que poderia ser elaborado visando a esclarecer os leitores.

A Livraria José Olympio Editora “encampa” e assume o texto que se segue, como, talvez, parte criativa, fazer artesanal, texto literário até do corpo do livro.

Nome: Lucia Garcia da Fonseca

Filiação: João Lyra Madeira e

Yolanda brasileiro Madeira

Natural: Rio de Janeiro

Fui menina curiosa, interessada na descoberta do mundo, em saber das coisas, ao mesmo tempo dócil e estudiosa. Boa base de primário, ginásio e científico, com todas as limitações do currículo, algum estudo de inglês e francês por fora. Cultura geral acima da média idade, proporcionada por leituras e releituras de Monteiro Lobato, e pelo acesso à

biblioteca de meu pai – toda voltada para as ciências. A própria pessoa de meu pai, que além de muito culto, era brilhante, mas sem a menor afetação, sempre pronto a tornar as explicações claras e simples, já era um convite ao conhecimento, às perguntas.

Estética e emocionalmente, era tão crua quanto qualquer menina da minha época, entupida dos filmes de Hollywood dos anos 40 e 50, que eu adorava, sem a menor noção de que houvesse qualquer coisa diferente ou mais sofisticada para alimento do espírito... Na minha casa não se cultivava arte. Lia-se e ouvia-se música de forma casual, por gosto. Estudei balé e piano como toda menina, e depois larguei. De qualquer forma, o hábito da leitura vem da infância.

Base literária: além do citado Monteiro Lobato e do que era dado no colégio (um ou outro Machado de Assis, Eça, Graciliano Ramos, todos antes da idade de poder realmente apreciá-los), quase nada.

Contato com poesia: lembro, na família, as cantigas de ninar portuguesas e brasileiras (que sempre adorei) e música popular em geral. Um livro de Poesias Infantis de Olavo Bilac, dado por meu avô materno, esse, dono de uma biblioteca mais voltada para ficção, romance, etc. Gostava do ritmo, da rima, decorava com facilidade. Retrospectivamente vejo que, nessa época (8,9,10 anos) tinha “Diários”, “Cadernos de pensamentos”. Talvez fossem os primeiros pruridos literários... Mas eu não tinha a menor consciência de que aquilo tivesse algo a ver com LIVROS e ESCRITORES. Era uma espécie de brinquedo e, chegando à adolescência, com o aumento da timidez e o excesso de autocrítica, escondi os cadernos até mesmo de mim e deixei de escrever.

Leituras de boa qualidade na adolescência – muito poucas. Meu pai só se interessava por leituras técnicas (embora, como passatempo, lêssemos em conjunto na família: ainda Monteiro Lobato, Arsène Lupin, histórias de aventuras, biografias). Minha mãe “orientava” minhas leituras (obediência cega de minha parte). Li, sancionados por ela, Cronin,

Pearl S. Buck, Lin Yutang, um ou outro Sinclair Lewis, John Steinbeck, Saroyan – todos selecionados mais em função da moral que da qualidade. Curiosamente ela me deixou ler todos os livros de Paulo Setúbal, sobre a vida de D. Pedro I. Talvez os adultérios históricos e imperiais fossem mais aceitáveis, quiçá instrutivos(?). Lembro também os livros de aventuras: Os três mosqueteiros, A ilha do tesouro, Casei-me com a aventura, O grito da selva.

Casei com 18 anos e estou casada até hoje com o mesmo marido (!!) e estou satisfeita com isso (!!!). Tenho três filhos (19, 17 e 13 anos).

O casamento e a maternidade precoces foram, para mim, experiências extremamente exigentes e difíceis.

Depois de casada, fiz vestibular e formei-me em História Natural. Trabalhei sete anos em pesquisas: um ano em Genética de Populações, com Newton Freire-Maia, em Curitiba, e o resto do tempo em citogenética, com José Carlos Cabral de Almeida e Marcelo Barcinski, no Instituto de Biofísica da UFRJ, tendo coautoria em alguns trabalhos publicados nessas áreas.

Comecei a escrever há uns 10 anos, aos 28 ou 29 anos. Por essa época, comecei a me interessar por poesia e li Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Drummond, Manuel Bandeira, Rilke, García Lorca, João Cabral e Pablo Neruda (algum Camões também).

Custei muito a perceber e aceitar que escrevia poesia (quando comecei a metrificar e rimar, tive que ceder às evidências) e, mais ainda, a “assumir”. Assim sendo, publicar é, realmente, um passo importante nessa evolução. Entre outros estímulos, creio que o maior (o primeiro e mais constante) veio de Helena Jobim, para mim uma espécie de irmã mais velha e de “intermediária dos mistérios”.

Através de Stella Leonardos, publiquei algumas poesias (acho que sete) no Minas Gerais, no Jornal de Santa Catarina, e n'O Popular, de Goiânia.

Frequentei, durante alguns anos, um curso dado por Alair Gomes sobre evolução do pensamento ocidental (filo-

sofia, artes, ciência). Tenho assistido também a conferências sobre filosofia oriental, especialmente Zen.

Muito relacionada com o curso que escolhi e mais ainda com a experiência poética, está a minha ligação com a natureza e os seres – com o mundo em geral. Sempre coleccionei conchas, caramujos, pedras, sementes, besouros, ninhos de passarinhos. O encanto de ver, examinar, pegar essas coisas, a sensação de mistério com relação a tudo que existe... Se é que tive alguma formação literária, o meu contato com a natureza, a forma encantada, maravilhada desse contato (pedras, plantas, bichos), está na raiz dessa formação. Isso e mais o viver e o sentir. Afinal, escrever (pelo menos poesia) está muito mais ligado à vida emotiva e à experiência concreta de vida, do que à uma formação intelectual especificamente literária.

INVENÇÕES DO SILÊNCIO

Primeira parte

INVENÇÕES DO SILÊNCIO

Segunda parte

POEMAS QUASE INFANTIS

“A vida só é possível
reinventada.”
Cecília Meireles

PRIMEIRA PARTE

INVENÇÕES DO SILÊNCIO

DIORAMA
MÚSICA DAS COISAS
INSTANTÂNEOS

Por entre os olhos e os óculos,
vejo o passar do silêncio,
vento quieto e rarefeito,
carregando peixes densos.
Ouço o passar do passado,
vejo o destino calado
de secretas coisas lentas.

O mundo se abre lá fora
em seus contornos exatos.
No fundo do olho – esboço:
o sonho cintila em roxo.

Mas entre os olhos e os óculos,
o escachoar do silêncio,
fluindo dentro dos búzios,
inventando peixes lentos.
Esforçam-se outros cavalos
no rio fino das horas.
Cigarras sangram a tarde,
esvai-se o azul do momento.

Logo a paisagem é morta.

A palavra pronunciada
era coisa bem pequena
diante do espaço maior
onde se cria o poema.
Buscava colher palavras
pra dar-te, nas duas mãos,
mas meu peito se calava
e nem a mim me contava
seu segredo cego e vão.

Melhor dar-te meu silêncio
– dedo no gume da faca,
frescor de mão espalmada
em parapeitos de prata.
Ou dar-te esse outro silêncio:
janela aberta na bruma,
vidro embaçado que esconde
construções de sal e espuma.

Que encontres esse silêncio
– área das coisas sem nome –
no meu olhar sem momento.
Que imagens e sons antigos
cruzem cegueiras, ausências,
neblinas de esquecimento,
e pela mão dos sentidos,
te firam, como um presente.

E se em mútua travessia,
calamos o que resiste
a entendimento mais claro,
que, afogados em silêncio,
nos encontremos no espaço,
onde vento, verde e bruma
– alheios a espaço e tempo –
revelam rendas de sal,
constroem jardins de espuma.

DIORAMA

APONTAMENTOS PARA O DESENHO DE UMA LAGARTIXA

“resvalou pela parede e avançou
pelo teto como uma sombra.”

Quis desenhar-te a bico de pena
mas era preciso tanto
para dizer-te inteira:
arquiteta de vigas,
amante dos largos vãos,
inventora das trajetórias súbitas,
projetista do oblíquo,
feiticeira do plano vertical,
esfinge suspensa dos umbrais,
soberana dos descampados de cal noturna.

Quis desenhar-te a bico de pena,
mas como dizer-te líquida e exata, nervosa e fria?
Como dizer-te gota de mercúrio,
lampejo lívido?
Assim te inscrevo
na curva dos meus pensamentos,
e no espaço vazio do centro,
onde se cruzam, se interceptam
e te iluminam,
ali te deixo
para que te reconheçam.
Mas nada de meu te acrescento.
Que cada um te veja como os mesmos olhos diferentes:
caçadora de vazios,
trapezista nas diagonais impossíveis,
dona absoluta dos serões.
De ti escorre um manto de eletricidade
e positivo e negativo são teus dois lados
como as barbatanas de um peixe.

Engenheira das pontes invisíveis,
deusa da infância demolida,
dançarina ritual,
talismã do momento-travessia,
conjuradora instantânea dos meus melhores fantasmas:
varanda e chuva, violão, jasmim.

NATUREZA VIVA

Qual o desenho mais fino
de um peixe?
Lenta construção de espinhas
sobre um eixo?
Traço veloz, disco amplo,
é gume ou face da lâmina,
lua nova ou lua cheia?

Qual o desenho mais simples,
e sendo simples, inteiro?
Somente a linha nervosa
do flanco?
O peso quieto dos olhos,
o fole da sua boca
bebendo o céu no oceano?
A cor que passa brilhando
pelo dentro das escamas,
o quase azul, quase aéreo
que há no tremer das membranas?
Ou sua expansão raiada,
estática, transparente,
que distendendo, concentra,
que divergindo, converge
ao mudo ponto-momento,
àquele lastro em seu centro
por onde ele é ancorado
aos muitos centros da água
sem nunca estar preso a nada?
A vegetação das brânquias,
fina plumagem interna
do pássaro vertical
capaz de um planar mais denso?

Como desenhar o peixe
naquilo que não se vê
– se pressente –
como um olhar pela nuca
que faz voltar a cabeça?

O desenho essencial
do peixe:
o traço agudo da fuga,
o claro-escuro silente,
o espaço vago ocupado
no momento precedente.

NATUREZA MORTA

Nos mármoreos do frigorífico
o peixe ainda nadava
em verdes de pensamento.
Mesmo na peixaria,
na exígua prateleira,
na caixa do congelador,
levado na correnteza surda do motor,
o peixe ainda nadava
entre cheiros escuros e densos de iodo e sal.
(Noite alta, a lua pela janela,
as sombras pousam e calam,
se procuram, tremem e se aquietam.
Parece que conversam.)
Levava entre os dentes o sonho e as algas
e via-se o verde passar e passar,
escorrer pelo corpo, para trás da cabeça,
além das guelras.
Mesmo morto, o peixe é belo,
mesmo morto, o peixe ainda é peixe.
Empilhados no barco, ainda fitam o céu.
E assado inteiro, talvez ainda nade no prato
em relvados de alface e salsa.
É preciso cozinhá-lo, esquartejá-lo,
para só então perder suas pratas escorridas,
seus óxidos liquefeitos,
o ouro velho e os mercúrios,
o dorso de água e os orvalhos,
que por vezes fulguram sobre o prato,
o avesso de papel carbono e asfalto
colado a uma carne impecável.

Perdida a alma, o corpo é baço.
No peixe, a alma é mais entranhada,
a alma do peixe é mineral.
E permanece um pouco no eriçado das escamas,
nas barbatanas de sílex e quartzo,
no ritmo de marimba da espinha nua.
E mesmo morto, o corpo do peixe
é todo ele um longo olhar.

NAUTILUS POMPILIUS

Coisa do mar que vens, caramujo,
fonte do vento das ideias,
trilha sonora das águas,
arabesco aéreo nos meus ouvidos,
desenho de pensamento.
Carne que, velada em manto,
um dia chorou a concha – olho d'água,
carne que, ida,
deixou impressa no espaço
a sua forma viva,
carimbo de matéria no vazio
cantando canções mortas.
O mel que hoje escorres
é o tempo de dentro,
o do sonho e do segredo.
Mas quando te encosto à face,
não serás tu que sorves,
na concha do meu ouvido,
o barulho da alma pensando?
O marulho da alma
brincando de pensar este poema?

NATICA FLUCTUATA

Coisa do mar que vens
estriada de rosas e espuma – poema.
Rosa do mar que vens
perfumada a neblina.
Trazes no bojo o ruído do tempo,
das horas paralelas construídas em leite.
Caramujo, dócil matéria branca,
cálice de nácar,
corola de veios azuis,
mistério de androceu e gineceu
ocultos em manto ondulante de sal.
Caramujo,
flor de silêncio,
espiral de segredo.
Voz de sereia
em miniatura de seio.

A TARTARUGA

Ela vinha de amplos e densos azuis
com o seu profundo vôo manso,
a nativa realeza
na curva das asas lentas,
borboleta marinha.

Ela vinha de um tempo líquido,
do silêncio,
e altos e verdes mistérios
habitavam a fenda de sua pupila,
o movimento rápido da sua cabeça ofídica.
No domo da couraça, na placa do ventre,
divididos em quadriláteros antigos,
a esquivança do perigo,
obscuros presságios e arrepios
abrigavam-se condensados, expectantes.

Depois ainda a vimos no laboratório,
circulando nos limites da bacia de metal
– ração certa oferecida por mão incomunicável.

Agora, sobre a pia de aço,
é esse cheiro a decomposição e formol,
a turva água sanguinolenta,
e essas vísceras dobradas, empilhadas. . .
Segunda-feira – oito às dez – Anfiteatro de Zoologia.

OS CAVALOS

São deuses de olhos ruivos e pupilas horizontais
cheias de luas, lagartos e poeira.
Que noites imensas, que giro de estrelas,
que céu tão alto sobre as garupas!
Madrugada-noiva, a névoa esgarçada nos cascos,
pousada em todos os talos.
E as tardes povoadas de relinchos,
as grandes cabeças pendentes sacudindo as moscas,
o pensamento fino e o cansaço antigo.

CREPÚSCULO – A UMA BORBOLETA

Na fímbria da noite,
és a noite que chega e pousa
feita de sono e pétala
e arrulho de asa.
És a noite que chega e pousa e cala.
Asas armadas e frementes,
cabeça erguida,
finos pés em ponta nem pousados.
Bailarina estática de muitos joelhos
e cotovelos alçados.

Na fímbria da noite,
pequena deusa esquiva de prata.
Corpo de silêncio e pólen,
noiva oblíqua dos astros,
esfinge no porte.
Bailarina russa,
arminho negro orlando asas,
debrum de sono em manto de pétala,
tocado de antenas finas,
olhos de pedra,
rainha em veludo e seda e gesto.
Hierática e secreta.
És a noite que chega e pousa e cala.
E quando chegamos perto,
na fímbria da noite,
no intervalo entre silêncio e o toque
– umbral –
eis que te vais
e escapas.

NO JARDIM

Colhi-a de sobre a folha
e tinha corpo de flor verde,
fada friorenta de olhos dourados,
donzela pernalta.

Beleza simples de veada,
economia de eclipse.

E olhando atenta as mínimas ventosas nos dedos,
descobria-a completa e essencial:
recém-nascido ou broto de samambaia,
nenhum pormenor esquecido;
vagem ainda nova,
cada semente colocada
em secreta e aveludada loja.

Ave desossada, filhote de pássaro, embrião,
o papo e a barriga pulsavam suaves, a pele fina,
a transparência adivinhando órgãos delicadíssimos,
a perereca fresca, pouco a pouco morna,
folha carnuda em sintonia com a palma da mão,
a perereca sedosa e nua,
a perereca quase.

Um pouquinho inacabada,
não por malfeita, coisa apressada,
ela é, ao contrário, toda devagar,
caprichado e longilíneo esqueleto de plumas,
mas por mão sutil, leveza de traço que se completa no vazio,
esboço cujo tempo é ainda,
como o dos anjos e outras tenras promessas de Deus.

E pegava nos seus dedos concentrada e leve,
e sem saber,
queria cantar-lhe uma cantiga verde e borbulhada.

Quando de um salto súbito,
instantâneo impulso derramado,
inventou o futuro
deixando maravilhada a mão vazia.

MEL

Alguma coisa foi ferida
e de um tenro coração de cera
começaste a escorrer.
De lá para cá,
nunca deixei de me deslumbrar.
Tua origem é a marca de tua perfeição:
alvéolo, favo.
Flor transformada em paladar,
fragrância transmutada em luz
e a operosidade generosa das abelhas
acumulando o verão
- meticulosa geometria da abundância.
Alimento de rainhas,
mesmo retirado da colméia,
não perdes o teu fascínio.
As garrafas enfileiradas na dispensa,
o miolo de sol derretido,
desfiado;
na colher, novelo e lago.
Os balões de luz subindo,
lentos,
imersos em ouro e silêncio,
zepelins no céu da infância.

Teu corpo aprisionou o verão.
Dentro de ti dança uma deusa,
estrela derretida,
borboleta afogada,
nájade, flor semovente.

Só isso explica tua untuosidade,
tua voluptuosidade feminina,
essa sedução e brilho,
que entre todas as coisas da natureza,
compartilhas com algumas pedras, resinas e azeites,
com os gatos e certos olhos.
E quando escorres,
nesse equilíbrio único entre fluidez e densidade,
é ainda como se escorresses um olhar.

Tu nos olhas com os mil olhos do favo,
de dentro da garrafa, do fio que cai,
de dentro da colher,
tu nos olhas.
E habitas o coração da colméia
como os metais preciosos o seio da terra.
Acha-se o filete,
segue-se o veio,
logo um rio subterrâneo,
desaguadouro, lago.
Quando somos, nós também, colméias,
repletos de mel:
acidez, doçura, sabedoria e pólen.

CANÇÃO PARA A SAMAMBAIA

Pudesse eu cantar-te com palavras de vento,
pudesse eu pentear-te com dedos de vento
e me ouvirias,
samambaia,
frescor derramado pela varanda,
cascata aérea,
levíssima chuva de pestanas.
Nenhuma planta como tu
tão caule,
tão seiva e sono e silêncio.
Teu reflexo refresca os vidros
de todos os quadros da parede.
Nos vidros das gravuras
compões
um outro desenho mais puro,
crias iluminuras sobre o retrato da avó
e uma nova pátina no mapa antigo.
À Terra Incognita,
às faces cheias de Bóreas,
às rosáceas e dragões enroscados,
acrescentas novos signos
com teus dizeres de planta.
E tocas de verde as asas dos anjos.
Samambaia,
cabeleira de duende.
Teus brotos enrolados sabem perfeições futuras
e desdobram a folha sem pressa
em gestos calmos de recitativo ingênuo.
Sempre buscando a luz,
virgens no culto ao Sol.

Sacerdotisa,
rapariga de mil braços,
polvo vegetal e lírico,
sereia de muito musgo,
cometa derretido em frescor.
Quando te despencas do vaso,
colo inclinado e tranças pendentes,
olhares longos de castelã silenciosa à janela,
povoas a sala de lendas
e das sombras de cavaleiros antigos.
E ao meu dia-a-dia trazes
a alegria do teu riso despenteado
quando sopra o vento.

TANGERINA

É decidida que a unha fura o centro do tambor.
E dedos de camponesa
arrancam teu couro aderente,
o avesso de estopa.
Gotas de sumo – bálsamo, perfume
- aura que te precede.

E um musgo branco de fibras de veludo,
um líquen de sono trançado
anunciam o quarto da donzela.
Agora dedos finos
cuidarão de seu corpo suave
pela ponta das unhas.
E aí a temos nua:
globo aquoso,
translúcido sol líquido,
abóbora de cristal:
tangerina.
Talvez zumbissem abelhas no teu bojo
de vidro luminescente,
contando a história de uma floração de tapete branco.
Agora estás pronta,
a carne velada em papel de seda,
suave e amortecido lalique,
sanfona septada em papel de arroz,
luminária japonesa,
conjunto de páginas de seda.

De vários modos guardaste o sol:
tua casca guardou seu fogo
servindo para acender os fogões de lenha.

E de cada bolha de sumo,
pequenas fagulhas,
estalidos alegres
comemoram teu brinquedo de estrela.

Mas ao abirmos o livro,
surge entre os dedos o gomo,
perfeição, unidade.
E retirada a pele,
a carne ressuma brilhante
em sua verdade nítida:
a população resplandecente dos bagos adormecidos,
colméia de suco,
ordenado berço do paladar,
reduto do sol e da seiva circulante nos pomares
detidos no coração da fruta,
código visível e encantador.

E decifrada a mensagem,
dourado e seiva, aroma e pólen
e confabulação secreta de raízes
nos são restituídos
no instante
em que um sol afogado nos ilumina a boca
e o paladar se consuma entre jorros de saliva.

CASUARINA

Leve é a nuvem
porém mais leve
é a casuarina,
árvore-pluma,
levíssima renda de chuveiro
esquecida de madeira.
Tão leve,
os galhos procurando o alto
que, não fossem as raízes,
certamente te alçarias,
como é desejo de teu eixo
e das tuas agulhas aéreas.

Tua folhagem é para a copa das mangueiras
o que o chuveiro é para a chuva de verão,
garoa quase.
E assim como é alegre
ver a mangueira tamborilando esmaltada
sob a pesada chuva,
cheiro de terra, poças,
também é belo
e diferente
ver-te sob a garoa
quando a neblina vai baixando,
o horizonte fecha os olhos
e entramos na cidade do sono.

O vento te penteia,
te sussurra,
farfalha e canta.

E tu,
chama fresca de uma vela vegetal,
oxigênio azul e verde,
árvore-céu,
aprisionaste o azul nas tuas ramas.
É impossível imaginar-te a não ser cercada de azul,
sem esses largos espaços de céu por trás.
Às vezes penso que é de ti que o vento nasce,
da tua copa gasosa,
fonte do vento,
oficina de brisas,
cachoeira aérea pelos ouvidos,
sussurro, segredo, marulho.
Tua copa é uma bebida leve,
vinho frisante, taça de espuma.
Tuas agulhas são bolhas de gás.

COUVE-FLOR

Tudo em ti é oculto,
delicadíssimo legume.

E quando a faca te penetra
é demolindo tuas torres vegetais,
tua cidade arborescente e vítrea.
Impossível conhecer-te sem devastar-te,
quando te ofereces íntegra,
fechada como um punho,
inflorescência opaca.

Paisagem carnuda,
a um tempo remota vista aérea de floresta,
a um tempo próxima e profunda,
trazes à horta um modo de ser submarino,
canteiro de pólipos e esponjas,
um modo de ser visceral,
árvore dos brônquios, alvéolos maciços,
pulmão compacto, pesado e friável.

E quanto mais te cortamos,
mais te multiplicas em numerosas réplicas de ti,
cada galho, uma pequenina árvore.

E aí comes a difundir a cócega verdibranca do teu paladar,
tua vocação aérea de cremes e suflês.

QUADRANTE

A noite afastou as cortinas da tarde
e insinuou entre elas seu grave rosto triste e inocente,
como uma moça na janela.
E ali ficou até que resplandecesse.
E resplandecessem seu olhar crepuscular e seus orvalhos.
E as estrelas se elevassem.
Olhávamos para cima e víamos:
Ah, a bela face da noite.
Triste, grave, inocente.
Rainha,
deveria fulgurar assim em veludo,
rosto de prata velha e estanho,
anciã ancestral.
Pastora, devia cheirar a madressilva e jasmim,
noite segredada na penugem dos braços
em praça de cidade do interior,
menina quase.
Mas as estrelas girariam mais.
E quando olhássemos o céu de novo,
teriam mudado de posição.
E saberíamos de um mistério.
Mais profundo do que nunca,
profundíssima,
ventre aberto, floresta, púbis, mulher,
e então aquele primeiro clarão diria num sussurro:
madrugada.

Bezerro branco, focinho molhado,
esterco, leite, bafo.

Pestanas, lustro nos olhos,
testa colada à cerca,
o bezerro crescente romperia tábuas,
emergindo da lagoa de prata
galopante e inúmero.
Touro – caminhos concentrados: força do dia.
Espinhaço da serra, espinhaço da sela,
A cavaleiro dos montes,
vertente, escarpa, vertigem,
serras por trás de serras
e as quatro direções do vento – horizonte.
E sempre sol e sombra e pó,
a chuva e a cabaça cheia d'água.
Atalho, picada de inseto,
o dia – cavalo baio – estrada.

A tarde era um cavalo azul
e no seu flanco as cigarras picaram,
insistentes, continuadas.
E abriram a ferida por onde a luz se escoava.
Nas ancas da tarde as cigarras zuniam como moscas,
como serras loucas.
E na ferida aberta, depositaram os ovos da noite.
E o cavalo corria desvairado,
num golpe azul e morrente.
No flanco da tarde, a larva da noite,
nutrida de sua carne,
a noite ali derramada,
desfraldou asas de sombra.
A tarde é agora uma seda fina fria esgarçada,
a tarde é uma gaze rasgada
e vai subindo balão inflado:
crepúsculo,
cadáver tranquilo do cavalo roxo.

MÚSICA DAS COISAS

A PENUMBRA E A POEIRA
RESSONÂNCIA

A P E N U M B R A
E A P O E I R A

"Box with the Sound of its Own Making"
Trabalho de arte conceitual de Robert Morris.

E todos levamos o som
de nossa própria fabricação.
Serraram-nos os músculos,
ajustaram articulações,
seccionaram tendões e artérias.
Estenderam a rede dos nervos, com suas luzes.
Passam sombras pelos olhos,
claro escuro claro escuro.
Serão nuvens pelo campo, ao sol?
Os lábios, mesmo que quisessem, não saberiam dizer.
Porque não são pensamentos, não são palavras.
É o som de alguma coisa muda, por trás das palavras,
perfume.
Os dias deságuam no sangue.
E à noite, é o desenho leve de um sonho estranho
e esse tempo circula, somado a tudo que, antes de nós,
[nem suspeitamos.

Mesmo ausências.
Nossos avós talvez sorrissem do que hoje choramos.
E suas vozes líquidas erram no ar.
Que árvore abrigou ninhos, suportou chuvas,
hoje face esquerda da caixa,
colada à da frente, à de trás, imóvel, isenta, nem sofredora?
Matéria dócil, talvez melhor que nossa alma, cheia de
[excessivos movimentos,
Que música impregna suas fibras?
Machado, serras, plainas, cheiro de cola e verniz
(saliva, suor, lágrima, urina e pó).
Nosso sangue circula incansável, passa em cavernas, bate
[rochedos,
vem dar a praias e lagos. Banha mesmo cicatrizes.

Carregando do som escuro, vermelho,
por vezes claro, lavrado em finas iluminuras
(E há delicadas avencas na opala de nossos olhos).
Ah. . . intraduzível, intransponível, mudo,
o som de nossa cotidiana e precária fabricação.

MÁQUINA DE ESCREVER

Tua música me acordou no meio da noite
– chuva no vidro da janela.
Levantei-me, cheguei à mesa.
Sem ruído, cantavas sozinha.
Nada se movia,
a lua brincava de tapete
com o silêncio.
Mas cantavas.

Abro tua tampa,
ficas exposta.
E desvendo o segredo de tua anatomia
dissecada:
a dentadura do teclado,
músculos, nervos,
tendões e ligamentos de arame,
o delicado osso em cada haste de tuas letras
sensíveis ao toque
– reflexo de joelho sob o martelo médico,
o osso compacto à volta.
(Só não vejo teus olhos.)
E percorro com os dedos a tua nudez nervurada,
delicada engenharia do corpo,
perfeita como o piano da infância,
aberto ao ouvido do afinador,
e o relógio que o avô deixava ver por dentro,
cheio de rodinhas ligeiras,
superfícies polidas e rubis.
Mas nada descobro.

(Onde estarão teus olhos?)
A lua brinca de geometrias
em cima da mesa.

E ainda assim tua música me acordou
no meio do sono.

GRAVURA

Aquém do cobre a idéia move.
Ponta seca: na ponta do estilete a imagem dorme
enrodilhada.
Cobre, latão – a matriz é o poema por dentro,
é o poema se fazendo no poeta,
paisagem latente em filme exposto.
No papel, o poema acabado.
A cópia é o poema por fora,
lido em certa cor,
realizado,
negativo e foto revelados
ao olho do leitor.
Entre a matriz e a gravura,
entre o poeta e o poema,
nessa área de silêncio,
tangentes ao cobre e ao papel
– desligados de toda tinta –
moram outros sonhos de existir.

BARALHO

Desejava ver completa
a vida, com seu desenho.
Só via o instante suspenso
nas circunstâncias incertas.

Toda a noite, todo o dia,
branca toalha de renda,
branca vigília estendida,
num jogo de paciência,
fui virando as cartas, lenta.
Lá fora o tempo corria,
passava pela janela
e levantava as cortinas.

(Pois queria ver a vida
completa, no seu desenho.
Mas via a alma pendente
dos fios do humor diverso,
triste ou feliz sem porquê,
nesse humano desacerto
de jardins e de desertos.)

Lá fora o tempo corria,
cá dentro a vida suspensa
na paciência incompleta:
seqüências interrompidas,
os naipes desencontrados,
todos os ases cobertos
em casas sempre fechadas
por reis de perfil sombrio,
valetes de boca triste
e damas de olhos calados.

E se procuro um sentido:
copas, ouros, paus, espadas.

LENTES

Olhava o mundo através de vidros.
E era um jogo de paisagens surdas,
gestos esparsos além da chuva
que escorria dentro dos meus olhos.

Olhava o mundo através da chuva
e guiavam-me coisas submersas.
Era um jogo de imagens antigas,
era um passar de naves perdidas
para além da cortina de lágrimas.

PRESENTE

Já não te dou meu sorriso,
olha bem o que te dou:
dou-te o peso de um sorriso
depois que ele se apagou.

Já não te dou minha lágrima,
pensa bem no que te dou:
dou-te o caminho da lágrima
depois que o rosto secou.

Já nem te dou uma nuvem,
é mais leve o que te dou:
somente a sombra da nuvem
e o chão por onde passou.

Já não te dou meu agora,
Pensa bem no que te dou:
dou-te o relógio de outrora
e a hora em que ele parou.

Já não te dou meu retrato,
olha bem o que te dou:
o retrato do retrato,
que atrás das lentes do tempo,
já quase que se apagou.

PESO DE PAPÉIS

Queria dar-te esta flor
encantada,
longe, no poço do tempo
encerrada.

Pétala e cor – instantâneo
que se capta,
que fiquem sempre em cristal
intactas.

Queria dar-te esta flor
impossível:
tão perto de tua mão
e ainda sim
intangível.

Queria dar-te uma flor
muito antiga,
queria trazer-te a infância
dormida,
queria dar-te a menina
perdida.

ÁLBUM DE RETRATOS

As sardas vão pousando no papel.
O menino de ontem,
hoje rapaz,
com menos cachos e os mesmos sonhos.
A noiva segura a cauda do vestido,
o sorriso enluvado, o fio de pérolas.
A avó tinha um chapéu de flores
e botas de pelica.
Todos se encostaram na mesma coluna
com um fundo de árvores fantásticas.
As moças se reclinaram na poltrona de vime
de espaldar alto,
entre veludos e estolas e almofadas de seda pintada.
Os avós seguram bengalas com castão de prata,
olhares indiscutíveis sobre os bigodes.
As crianças tiveram sempre os mesmo olhos,
só que entre mais babados,
tetos mais altos, quintais mais fundos.

As sardas vão pousando no papel.
As moças sonham em sépia,
entre musselinas e anéis,
os belos braços torneados.
Quem construiu essa rede transparente de rugas?
Quem levantou essas paredes de vidro?
Atrás delas os mortos dançam
e os vivos têm outros rostos.
Um pássaro canta.
Lá fora, o sol é domingo.
Mas no álbum, águas de açude atraem meus olhos
e uma suave teia de alga com líquen
vai afogando as páginas de papelão.

OBJETO ANTIGO

Os três pássaros e as flores
parece que voam
no copo de prata.
Por entre arabescos,
parece que voam
num campo de prata.

A água é um minério
com gosto mais duro,
antigo e soturno,
quando tomada
no copo de prata.
E há beija-flores de bicos curvos
por entre caules ocultos,
entre os escuros fios
e entretecidos frios
da prata.

Um pássaro pequeno
pousou na asa
do copo de prata.
O olho cego,
a garganta muda,
na escuridão da prata.

PRATELEIRA DE ANTIQUÁRIO

No retângulo dourado,
o retrato de um sorriso;
no retrato desbotado,
qualquer coisa mais antiga
do que aquilo que se vê:
arabescos de metal,
pequenas flores, minúcias,
cercadura de “muguets”,
pequeno bloco fechado,
capa em ouro, trabalhada.

E sobre a capa dourada,
no florir desse sorriso,
agora em sépia fanado,
o que ficou intangível,
jamais escrito ou captado?
Cabelos louros e plumas,
ar de dúvida colombina,
que por carnavais antigos
fez suspirarem pierrôs
– linguagem indecifrada
do infatigável sorriso
luzindo imóvel, intacto,
por trás de invisível vidro,
brilho no fundo das águas,
macio facho difuso
parado no espaço livre
das espiras de uma escada.

Brilho longe, transportado
de clarabóia distante,
por encardidas paredes,
gretas e teias de aranha,
pelo tempo transcorrido,
pelos vãos acontecidos,
pelos desvãos, descaminhos,
pelos desacontecidos.

Recordações, mágoas, sonhos,
tudo é fanado e morrido,
já desmaiado no tempo,
tudo remoto e esquecido,
tudo soprado no vento.

Testemunhas do intangível
que animou esse sorriso,
só ficaram, desbotados,
o retrato, as folhas pardas,
a capa em ouro – fechada.

CAMAFEU

Donzela dos jardins-sonhos,
por altos muros cercada,
ouve o murmúrio das fontes
porém não pode alcançá-las.

Tapeçarias, bordados,
a tela nos bastidores,
o gentil gesto da agulha,
sutil, o fio na trama,
o olhar cúmplice à criada,
dosséis, alfaias, brocados
e o silêncio dos veludos.

Rondós, galhardas, pавanas,
flautas doces e alaúdes.
Mãos no marfim dos teclados,
baladas e menestréis,
longe, o clarim das caçadas
e falcoaria e corcéis.

Cambraias, fitas e rendas,
corpo alto, colo nú;
o perfil da reverência
– jogo exato dos salões,
o recorte da cintura,
a inclinação da cabeça,
as saias tocando o chão.

O bordado interrompido,
suspensa no ar, a mão.

Guardada por sete pajens
sete portas, sete chaves,
olhos de lento cismar,
retomando agulha e fio,
retoma o bordar dos dias,

donzela dos jardins-sonhos,
velados por reposteiros
que ninguém vai descerrar.

MEDALHÃO

Os olhos abertos,
os lábios cerrados,
internos soluços
no peito guardados.

As fontes, os lagos,
o porto, a enseada,
os sempre jardins
por cílios velados.
Jardins do futuro
ou jardins do passado?

Abertos os olhos
banhados em lendas,
em fumo de sonhos.
O triste sorriso,
remoto fantasma
do riso passado.

O gelo nas mãos
em ânsia crispadas;
o zelo das mãos
azuis e pousadas.

Os rios de um sangue
nas veias turvado
(as veias abertas);
os sete punhais
no corpo cravados.

TABAQUEIRA DE PRATA

A lua dentro do poço
num recanto de jardim.
Perto poço, uma moça
e a latada de jasmim.

Nos olhos da moça, um moço.
A moça sonhando um sonho
que não era para mim.

RESSONÂNCIA

“VAGA MÚSICA”

Tua música, Cecília,
soprada nos meus ouvidos,
evoca sombras sonoras
que em eco se multiplicam.

De cada coisa que dizes,
nem sempre guardo o sentido.
Mesmo as palavras mais sábias,
mesmo as palavras mais belas
– iluminuras antigas
em pergaminho amarelo –
são luas de esquecimento
gotejadas nos ouvidos.

Mas sua música fica.
Labor de seiva nos ramos,
há uma ressonância interna
que permanece comigo
e continua vibrando
toda em ondas paralelas.

Tuas palavras são pedra
ferindo as águas do poço.
Tua música mais fluida,
por isso mesmo perdura
para além do pensamento.
No centro do meu silêncio,
os teus fantasmas de vento
criam ondas que se ampliam
em halos de esquecimento
pelo infinito de tudo.

DE UMA GRAVURA
DE ANNA LETYCIA/I

Casulo que se expande em invisíveis raios
habitado
por silêncios e palor lunares.
Tenro cerne de talo a segredar
penugem de broto pelos ouvidos.
Terracota – sépia, sob a pele-opala,
o secreto ritmo das veias,
das violáceas veias emanando ramas
e os noturnos frutos fabricados traço a traço.
Caracóis de lua, líquens, teias,
por onde circulam, infindáveis,
intrincados caminhos conducentes,
em remoto espelho, rebatidos,
de um lado, ao lado da Morte,
de um lado, ao lado da Vida.

DE UMA GRAVURA
DE ANNA LETYCIA/II

Em branco branco são rosas de sílica
e o tímido das hastes vegetais,
as claras samambaias – fósseis vítreos,
ranhuras delicadas e abissais.

Laço frouxo em cabelo de menina,
madrugada – latências hibernais,
o luar das olheiras sob os cílios,
rios de seiva, arabescos florais.

Interno círculo, âmago silente
e límpida nascente de espirais.
Caramujo escorrendo longas horas
de suave leite e sonos minerais.

DE UMA GRAVURA
DE JOSÉ LIMA

Um pé sob a perna,
joelho dobrado.
De sob o joelho,
os dedos despontam.
Intimidade,
ingênuo momento
captado.

Cavalgada, avalanche de pedra,
multidão, vozerio cego – esmagadas,
alegria, tristeza, passagem – nada.
A vida, aos pedaços, perdida.
E o fluir do tempo
estilhaçado.

Um pé sob a perna,
joelho dobrado.
Momento inscrito
em círculo mágico.
A vida se mira no instante
– gole fresco, fonte,
e se reconhece, inventada.
O tempo em caco de espelho,
inteiro e recuperado.

Coração – olho que vê,
olho e mão – lente que capta.
Papéis, tintas, prensa.
José Lima: sujeito, objeto, momento
tornado perene.
Objetiva mágica.

ESBOÇO

As folhas pelo corpo transparente.
Gavinhas no pensamento
agarradas ao ontem.
Em tudo leite, sono,
seiva lisa.
E um verde de pálpebras pesadas.
E passos longe,
a mãe e a menina,
para sempre
em branco e verde,
esmalte e limo,
azulejo e água de piscina
e musgo e sombra.
As bordas crespas – samambaia e hera: aparência
daquilo que por tudo e nada
– sem razão e sem sentido –
nos embala, nos protege,
encaminha e deixa a sós.
Silhueta, passos leves,
despedida,
estrada.

TELA

Nas brumas do branco,
o peixe passava,
entre pensamentos
e mudas palavras.
Por névoas de sono
mais finas que as águas,
por trevas e noites
e absolutas albas,
a sombra do peixe
passava e calava.

Em brumas de branco,
a sombra inda passa,
mais leve que antes,
mais desconstrada,
sem boca, sem olho,
perdida entre as malhas.
A luz nas escamas,
o ponto de luz
na ponta da cauda
são gotas de orvalho
em pétala fina,
sem luz que ilumine
internos espaços.
Seu olho não olha,
não vê onde passa,
se passa na terra
entre pedras e casas,
se passa entre as pregas
de brancas mortalhas,

é folha entre as folhas,
dormente, inconsciente
da seiva que passa.
É rumo aprendido,
desempenho apenas
sem ritmo de escolha,
vagando, planando,
fugindo, mordendo,
sem fome, sem morte,
sem nome, sem tato.

Nas brumas do branco,
fantasma da água,
o lábio no dente,
a vida sem data,
carne transparente,
vivida, tragada,
sorvida num gole,
servida entre as algas
– bandeja de prata.
O sangue esvaído,
veias dissecadas,
outros que o provem,
que o toquem, que o sintam,
não prova, não sente,
não sonha, não pensa,
é sonho sonhado
urdido entre as malhas,
as teias de seda
de vãos pensamentos
e estranhas palavras.

Na fímbria do sonho,
cristal, sombra, sono,
mineral e cega
e remota espada.

INSTANTÂNEOS

*“Encontrado em Saquarema o corpo do
jovem mergulhador Conrado Malta”*

Do noticiário da época

O mar se fez infinito,
se fez infinito o mar
para roubar o menino,
o que gostava do mar.

Renascia todo dia,
um dia não renasceu.
O mar se tornou mais fundo,
o mar chamou-o ao seu mundo,
sem querer, obedeceu.

Procura-se dia e noite,
procura-se sem parar,
anjos negros de borracha
descem ao fundo do mar.
Lançam-se redes dos barcos,
mas tudo volta mais frio
pingando o choro do mar.

O mar se fez mais bonito
para o menino roubar.
Abriu a verde pupila
para guardar o menino
em alçapões de luar.

“– Um homem é tão pequeno,
tão difícil de encontrar!
Ele era quase um menino,
gostava tanto do mar...”

O mar ordenou aos peixes
que não tocassem se corpo.
Abraçou-o exausto e exangue,
foi seu par mais delicado
naquela dança girada,
no seu bailado de morto.
Anfiteatros, salões,
o mar levava o menino
por lentas portas e arcadas.
Sussurrava ao seu ouvido:
– Foste, entre tantos, eleito.
Agora és senhor do verde,
vê nosso reino, que lindo,
vem escolher o teu leito.

Mas os homens de borracha
insistem em mergulhar.
O mar lhes pergunta um dia:
– Por que quereis o menino
que entre vós agora é sombra
sem face, sem canto, sem grito?
Os anjos dizem apenas:
– Nosso menino queremos
– Ele agora é só silêncio...
– Para os adeuses e os ritos.

– Já provastes meu poder
e quereis continuar?
Tenho contrato co'os ventos,
devo obediência aos astros,
sou senhor de um sono verde
que, horizontal como o tempo,
cobre florestas de mastros.
Meus rugidos, meus silêncios,
minhas planícies imensas,
abismos, profundidades,
meus risos, meus colossais
brinquedos de tempestades...
Tão ligeira a vossa morte!
Bastam uns poucos minutos
para um homem se afogar,
não temeis a vossa sorte?
Em vossa casa as mulheres
passam o dia a rezar.

Os anjos dizem: – Tememos,
mas poucas certezas temos
tão retas e definidas:
queremos nosso menino
para os adeuses e os ritos.
Grande é a vossa majestade,
sois senhor das nossas vidas,
mas não da nossa vontade.
Maré baixa, maré cheia,
sol e lua sobre a areia,
nas malhas da maresia,
por cima da ventania,
procuraremos no céu,
procuraremos no mar,
nossas mulheres e filhas
muito terão que rezar.

E os emissários insistem
tanto e sempre e sem parar,
que o mar por fim comovido,
num cansado gesto de onda,
verde suspiro de espuma,
abre as mãos, solta o menino,
devolve à terra o menino
que ele quis tanto guardar.

DESASTRE NO CANAL

Os homens-rãs surgiram escuros e gotejantes,
um pouco de lodo na pele lisa.
Despiram as nadadeiras
e o olho de vidro,
marcas de sua realeza,
e se quedaram inermes e com frio.
Os homens-rãs chegaram de longe.
Lutaram com os ferros retorcidos,
com a porta empenada,
a água e a lama.
Mas dentro do carro só havia sombras,
rostos sem pressa e já nenhum grito.
Os transeuntes olham com respeito,
alguém lhes serve um pouco de café.
Os homens-rãs olharam o avesso do espelho
e subiram mais sábios.
Agora, despido o equipamento,
retirada a armadura,
acham-se esguios e pálidos,
molhados e confundidos.

CAMINHADA NA PRAIA

A água me tece lentas perguntas em conversa líquida.
As conchas pisadas crepitam perguntas nas brucas arestas.
E olhadas de perto, são mudas palavras em forma concreta.
A prata azul-roxa no flanco dos peixes morridos de pouco,
o caco de lua guardado nos olhos de espanto redondo,
são árduas perguntas.
O vulto de um homem que os longes diluem na sobra e
[no vento,
a carne opaca no resto alvacento do peixe sem olho
indagam surdinas.
A casa fechada, paredes compactas de cal e saudade,
o som de meus passos, maciços na areia, em confins de
[praia,
o canto dos grilos, o salto de um gato de olhares esquivos
perguntam, perguntam, perguntam.
Os barcos vazios berçando silêncios, berçando fantasmas,
balançam convites, oscilam chamados em águas longínquas.
E um brilho se mexe na fria e parada lagoa de sal,
que escura marulha, marulha e marulha nos longes de mim.

PAISAGEM

Em meus ouvidos o verde marulho, marulho
de frias águas batendo;
o doce barulho
do vento soante – cício de seda
brunindo zinco,
e o chiar de espumas crepitantes
que rolam e chegam.
Em meus dedos a temperatura
da água, a fresca textura
do lânguido líquido,
o áspero cheiro de sal.
E peixes passando,
enxames de peixes voando
tocados de vento – fervilhantes folhas;
em meus olhos, verde, prata, azul.
E a branca areia e as conchas brancas
da lagoa.

PERTO DAS SALINAS

Caminhamos até a ponta da praia
e nos debruçamos sobre as malvas sem qualquer metafísica.
Tiramos mudas, besouros iam e vinham no verde dos talos.
Os problemas não estavam resolvidos.
As angústias pesavam no coração,
serpentes enrodilhadas
adormecidas.
Nem ao menos o sol em dourado,
entardecia branco.
Pequeno o giro dos cataventos.
Mas caminhávamos, os pés na areia entre água e conchas.

ATERRO DO FLAMENGO (À Noite)

Os finos postes são reflexos verticais
de boias luminosas
sobre tranquilas águas suspensas.

Seguimos por estradas oceânicas.

AVENIDA BRASIL
(Ao Anoitecer)

Longe, as luzes de mercúrio,
os sinais verdes, o néon
tremeluzem sob a fumaça
como estrelas dentro d'água.
Manguinhos é fantástica cidade iluminada,
submersa

em que longínquas águas?

DIA QUALQUER

Não é preciso um grande amor
para se compor um poema.
Os pratos no escorredor,
a gota d'água,
os talheres sobre a pia.
A luz recuada no fundo da sala
por trás das cortinas.
O silêncio agarrado ao tique-taque do relógio
no fundo da tarde.
A vida girando imensa.
A alegria no açucareiro.

Mais tarde a lua subiu vermelha e sobrenatural.

SEGUNDA PARTE

POEMAS QUASE INFANTIS

DA TÉCNICA

Quero escrever com técnica,
quero escrever com métrica.
Nesta hora eletrônica
não se permite inépcia.

Procuro sinônimos
no vocabulário;
mas só acho antônimos,
corro ao dicionário
(pois é preciso escrever com técnica.)

Encontro então lepidópteros,
gentis coleópteros
abrindo seus élitros;
encontro metrópole,
encontro necrópole,
encontro efeméride...
Ah, dicionário!...
Ropositório magnífico
de fantástica cultura
verbalística.

De que serve ser poética
se não se for apta?
Na era eletrônica
se a rima faltar...
(chamaremos a Mônica?)

De que serve ser poética
se não se for prática?

Se faltar-nos a técnica,
se faltar-nos a tática,
se faltar-nos a ética,
se faltar-nos a plástica,
se faltarem os dólares
(Ah, se faltarem os dólares!...)

Mas chega. Estou mesmo é com saudades
da cadeira de balanço na calçada
de antigamente.

OS SINAIS

Sou assim cheia de parênteses,
pontos de interrogação, vírgulas e travessões.
Trevos de quatro folhas,
sinais e pelo-sinais,
senhas, códigos, cifras.

Os olhos parados, espetados no mais além de alguma coisa.
– Menina, está pensando na vida ou na morte da bezerra?
Sai de dentro desses parênteses, joga fora essas vírgulas,
vem pra vida.

– Mulher, tira esses parênteses e vem pra cama.

NO TÚNEL DO AMOR

No túnel do amor,
encontrei a mesa, a cadeira,
o garfo, a colher
e outros tantos objetos cotidianos.
Medíocres, eles me agridem
na sua utilidade contundente.

“As coisas têm massa, comprimento, velocidade.”
“Duas coisas não podem ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo
[lugar no espaço.”

“Ou se como o bolo, ou se guarda o bolo.”
No túnel do amor,
eu pensara encontrar somente borboletas e arco-íris
e um cerne branco e delicado,
enovelado sobre si mesmo,
veludo velado em névoa.

Não quer beijar?
Não sabe trepar?
Quem te mandou entrar?
No túnel do amor,
a entrada é decididamente não obrigatória.
Do lado de fora,
as filas de espera se estendem ao infinito.

APARIÇÃO

Do universo das palavras,
entrou-me,
pela janela fechada,
uma enorme Paporama,
asas azuis de puro silêncio.

POEMINHA

Talvez em outros mundos, outros futuros,
haja coisas como camas
para algo como o sono
dos inocentes.

E em casas decoradas,
familiares reunidos
em torno do penico,
verão televisão
dentro de seus pratos.

Pisaremos em destapetes,
mordiscando desconfeitos
com ar entediado
de Catarina, a Descontente
comendo bombons.

E se o chefe do hotel
descobrir-me encolhida
embaixo do balcão,
ou se eu sair latindo
e correr a me esconder
no Parque de Diversões,

professores de casaca
continuarão a defender
qualquer coisa tão pomposa
quanto teses:
supermestrado, hiperdoutorado.

E – não se assustem –
o Instituto de Biophysica,
Logosophia, Psycho-patho-pharmaco-philosophia,
l'Institut Medical des Recherches Appliquées
não perecerão jamais.

A CASA NÚMERO UM

O menino ainda não viu,
em nenhuma rua,
a casa número um.
A casa número um deve ficar muito longe,
no fim do mundo.
O menino ouviu contar de outro menino,
que esteve na casa número um.
Quem sabe, precisou transpor matos e serras,
lutar contra gigantes e dragões. . .
Feliz mesmo é o menino que mora na casa número um.
E nem precisa andar para chegar lá.

PEDIDO

– Pai, preciso uma botina de elástico,
preciso.

Custa só nove cruzeiros,
é de couro de cavalo,
botina pra toda a vida.

– E teus pés não vão crescer?

– Fica de herança pros meus netos,
pros meus filhos. . .

Fico a pensar nesse chulé
transmitido às gerações

– patrimônio de família.

PRIMEIRA NAMORADA

A primeira namorada tem olhos grandes,
cintura fina
e um buço imperceptível
sabido de cor
pelo namorado.

A namorada tem perna grossa,
boca pequena,
cintura fina
e uma bunda enorme
que o namorado adora,
que o namorado admira,
que o namorado namora.

O namorado pensa a bunda da primeira namorada
como se acendesse um mar de velas em mil altares.
A bunda da namorada é objeto de culto e meditação.
A bunda da namorada é uma catedral gótica.
A bunda da namorada é ainda maior que a da mãe.

CAUSA PRIMEIRA

O bate-estacas, pam-pam, por muitos dias
faz tremer o chão.
No prédio ao lado
racharam paredes
de segundo ao oitavo.
Pam-pam, os moradores se reúnem, pam.
O síndico telefona, pam, escreve, sapateia, exige, pam.
Providencia.
Silência o bate-estacas.
O silêncio é mais silêncio
sobre o prédio ameaçado.
Os engenheiros se reúnem para deliberar.

Mas a menina do quinto andar,
uma bonitinha de cara,
mas que sabe que tem caspa e faz xixi na cama,
que às vezes esquece de tomar banho
e um dia teve até piolho;
e quase mastigou a hóstia
na hora da comunhão;
e já pensou tanta bobagem
do padre e do sacristão,
só ela sabe
que o prédio rachou por sua culpa,
por sua exclusiva e única maldade.

COTIDIANO

O unicornozinho mama.
Branco, focinho rosado.
Madrugada úmida e fechada,
os cheiros da noite agarrados à névoa e aos talos.
Mamãe unicórnio cheira o morno do filhote.
Lambe o dorso de manchas claras,
a crina de âmbar.
Madrugada ainda tímida.

O pequeno unicórnio parou de mamar.
E relincha quase como um cavalinho.
Dá um salto e se atira ao capim molhado
e se espoja entre densidades de sono.
Como é morno e bom, por baixo da pele,
o leite luarento de mamãe unicórnio!

O sol vermelho atrás da névoa fria.

NOTURNO

E a infância era assustadora
mais do que um bicho-papão.
Tem um ladrão no vizinho,
tem um ladrão no quintal,
tem um estalo no móvel,
um pulo no coração.
A infância era mais terrível
que o pior bicho-papão.
Vai, te esconde atrás da porta,
fica atrás da cozinheira,
que chegou visita chata,
vai te dar beijo babado,
lambuzar-te de batom,
vai te ouvir tocar piano,
vai dizer: “Mas que crescida!”
Mas quem mandou me beijar
se eu nem me lembro da velha?
Diz que me viu no bercinho,
que ajudou a trocar fralda.
E o que é que eu tenho com isso?

Te esconde embaixo da cama
que já vem a noite grande.
Aperta os olhos com força
pra não verem que não dormes,
os ouvidos bem abertos
para os barulhos da casa.

Barulho, barulho
de bicho-papão.

Tem uma alma penada
andando pelo quintal,
andando no pensamento,
pisando no coração.
Reza depressa, mas como,
se eu não sei nenhuma reza
nessa família de ateus
com vergonha de rezar?

“Só cremos na honestidade,
na bondade, no trabalho. . . “

Como rezar pra bondade?
Eu quero é um Papai do Céu
de colo quentinho.
Eu quero é um Papai do Céu
pra assustar a assombração,
que não existe e dá medo.
Fantasma também não tem,
alma penada não tem,
existe ladrão.
Aprende uma reza,
aprende depressa
pra espantar o bicho,
pra espantar fantasma
que sem existir, assusta,
faz barulhos pela casa
e come criança,
morde o braço, chupa o sangue. . .
Reza, reza, fecha os olhos
pra não saber que és culpada,
pois quem não fez coisa feia,
pensou,
podia ter feito e nada
garante o amanhã.

Depois como bala,
algodão de açúcar,
pipoca é tão bom
e circo, melhor.

A infância é um buraco escuro
onde tem bicho-papão.

INVASÃO

Soltaram meus anjos.
A cidade que se cuide,
O povo que se cuide,
soltaram meus anjos
e eles descem em bandos
para fazer estripulias na terra.

Soltaram meus anjos.
Alguém esqueceu a gaiola aberta.
O povo que se cuide,
que é um bando muito daninho.

Tem um muito louro, de olhos azuis,
que está sempre de nariz escorrendo.
Gosta de apanhar sapos no brejo
e de apertá-los para ouvir os berros.

Tem um com cara de hindu,
que é muito quieto e calado
e toca harpa muito bem.
Gosta de tocar a campainhas das casas – à toa
e trocar a correspondência das caixinhas.
Gosta de lamber pasta de dente
e bebe água onde lava a escova
dizendo que é limonada.

E tem um anjo pretinho,
de riso maroto,
que gosta de cuspir do alto
no meio da careca dos senhores.
Um dia pegou uma galinha pelo pescoço
e rodou no ar três vezes
para ver se ela ficava tonta.
Mexe em casa de marimbondo,
puxa o rabo dos cachorros,
e quando acontece ser mordido,
corre para casa chorando.
Coleciona besouros secos,
tira as asas das moscas
e guarda-as numa caixa de fósforos
minuciosamente
para brincar de exército.

Soltaram meus anjos.
A cidade que se cuide,

O povo que se cuide.
Meus anjos não têm maldade alguma
e nada sabem de bondade.
Meus anjos, de manhã cedo,
vibram asas transparentes de libélulas
alçam vôos às estrelas,
entoam cânticos à lua,
e examinam atentamente
as melequinhas que tiram do nariz.

RECONSTRUÇÃO

Hoje quero ser menina.
Sentir alegrias puras e fáceis,
imediatas, primeiras,
sentir belezas ingênuas e ternas
sem o menor preconceito.

Cochila meu anjo-da-guarda-vestido-de-toga.
Vai-te com teu ar circunspecto de magistrado,
que eu hoje quero ser menina.

Pintar as unhas de vermelho,
um pouco sujas e roídas
e achar lindo unhas vermelhas,
mesmo um pouco descascadas.
E não saber que isso é coisa
de meninas de mau gosto.

Dorme, meu anjo-da-guarda-de-toga.
Que eu hoje quero uma bandeja
com o Pão de Açúcar todo em asas de borboleta.
E arregalar os olhos
diante das cores e brilhos!
Quero um passarinho feito de conchas
e espantar-me de como puderam fazê-lo assim perfeito.

Fazer seis anos,
com um bolo enfeitado de flores e pombinhas
e até casal de noivos de açúcar
e guardar os enfeites muitos dias
dentro do armário de roupa.
E receber um cartão cheio de brilhos,
com sinos e flores e passarinhos
estampados em seda.

Mas dorme anjo-de-toga. Dorme peste.
Que eu quero uma caixinha
feita de madeiras de muitas cores.
E aquela mesa com retalhos de todos os mármore e
[madrepérolas,

que um dia, já crescida,
vi no museu e achei feia.
Dorme que eu quero uma bolsa,
porta-retratos, calendário ou caderno,

contando que tenha uma palmeira e um barquinho
e tenha escrito: “Lembrança de Cambuquira.”

Acordaste, chato?
Dorme logo, magistrado hipócrita e fingido.
Aposto que quando não tem ninguém perto,
bem que gostas de bolinar a empregada.

Quero uma vaquinha de presépio
daquelas que balançam a cabeça.
O menino Jesus também balança a cabeça,
mas só quando se bota a moedinha.
Quero ir à igreja com a minha babá,
levando um saco de moedas que não acabe nunca.
E passar o dia inteiro comendo pão doce
e vendo o menino balançar a cabeça,
nem que tenha uma fila enorme de crianças atrás.
E na volta, passar pela pracinha,
andar de balanço e escorrega, furando a fila.
Tinha outro menino Jesus,
na casa de umas tias caridosas.
Esse tinha musiquinha na barriga,
levantava a cabeça, abria os olhos,
baixava a cabeça e dormia.
A corda era comprida e parecia ginástica,
mas que olhos azuis ele tinha!
Viera da Itália, não havia outro em nenhuma loja do Brasil.
E eu só queria saber
como puderam fazê-lo tão perfeito.

Mas dorme anjo, que nada sabes de meninos.

Hoje vou ao parque de diversões,
com entrada grátis para todos os brinquedos,
quantas voltas eu quiser.
E vou ao circo, matinê e vespéral,
comendo pipoca até ficar enjoada e com dor de barriga.
Vou ao cinema, todas as sessões,
mesmo que fique com dor de cabeça. Duvida?
Quem duvida-perde-a-vida-come-casca-de-ferida.

Hoje vou der filha do baleiro
ou de dono de loja de brinquedos.
(Melhor de fábrica, sua boba!)
Olha, anjo, posso te dar vinte mil-réis
para ires ao parque de diversões.
Mas aposto que nem andas nos brinquedos
com medo de sujar a toga e a cabeleira.
Ou só porque o sol está forte, estraga-prazer.
E vai ser bem-feito-teu-nariz-tem-um-defeito-na-careca-do-
[prefeito.

Estou farta da tua cara distinta,
circumspecta, comedida,
que torce o nariz pras coisas de mau gosto,
da tua cara comportada, de bom gosto,
que não liga pra “essas coisas”,
que não brinca o carnaval,
da tua cara educada, intelectual,
dizendo sexo muito natural
(mas com tanto nojo de tábuas de privada.)
Não querendo que se conte piada
nem se diga palavrão
– coisa de meninos sem educação.

Estou farta da tua cara distinta,
que não grita nem perde a linha,
que não admite má-criação na nossa família.
Porque todos concordam, todos são bons e corretos,
na nossa família. Ninguém escorrega,
nenhuma criança bate o pé.
Na nossa família
todos estão é tão cansados
de comer merda dizendo que está bom, muito obrigado,
só para agradar a dona da casa (noblesse oblige).
Hoje quero aprender as músicas mais fáceis de cantar,
ouvir novela e programa de auditório
no quarto da empregada.
Falar mal dos vizinhos, ouvir fofocas de moças namora-
[deiras,
coisa que gente discreta não faz.
E dormir com cachorro na cama,
chupar pirulito do baleiro da rua,
sem ninguém dizer que foi feito com cuspo.
Tirar meleca do nariz, lambem catarro,
chupar sangue de machucado,
dar um traque no dedo e depois cheirar
(quando estiveres distraído).
Falar alto na rua,
ter acesso de riso ônibus,
como aquelas meninas sapecas.
Dizer segredinhos, brincar de inconveniências,
dizer “chato”, “mijar” e “safado”,
como as outras meninas.
Colar retratos de artistas nos cadernos de colégio
e nas paredes do quarto.
Um quarto com cachorrinhos de louça,
pinguim de bico dourado
e andorinha na parede.

Vê se cochila, anjo de céu cinzento,
que azul é a cor das crianças e envelheceste menino.

Ou morre. (Prometo-te uma lápide sóbria
como convém a anjos de bom gosto.)
Ou vai a todas as merdas do mundo.
Anda, chô! Vai-te da minha vida!
E terei reconstruído a infância.

Este livro foi composto nas oficinas da
COMPOSITORA HELVÉTICA, Ltda.,
na Rua Correia Vasques, 25, Rio de Janeiro, RJ,
e impresso nas oficinas da
EDITORA VOZES Ltda.,
na Rua Frei Luís, 100, Petrópolis, RJ, para a
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Em fevereiro de 1980